

Poder, silêncio e segredo na obra do antropólogo Eric Schwimmer¹

Maria José Campos (Nadir/USP)

Palavras-chave: Segredo. Eric Schwimmer. Poder.

Notas de abertura

Uma vez que na antropologia reflexões teóricas sistemáticas sobre o segredo e o silêncio são pouco comuns, proponho nesta apresentação abordar o tema a partir da pesquisa contida em um texto de um autor desconhecido no Brasil e ainda não traduzido para o português, o antropólogo de origem holandesa Eric Schwimmer, possuidor de considerável biografia como profissional da área e cuja trajetória nos estimula a refletir, como pano de fundo, sobre os caminhos e rumos de uma história da Antropologia no Brasil e no mundo. O percurso do autor sugere, de forma não incomum, a constante necessidade de refletir sobre os critérios e as formas de seleção e de atribuição de notoriedade a determinados autores e temas de interesse, eleitos no campo antropológico local e internacionalmente, com suas linhas privilegiadas de pesquisa, de perspectivas e de financiamentos, que levam à divulgação, projeção e permanência de determinados nomes e abordagens em detrimento de “outros”, seleção nem sempre imediata para se compreender e se justificar.

Os chamados “autores menores” e certos temas que desenvolvem podem ser reiteradamente conduzidos a espaços pouco conhecidos e relativamente restritos, às “margens” do campo, em territórios que convencionamos definir, não sem a devida arbitrariedade, como “periferia”, quando não enfrentam o completo ostracismo, restando seus trabalhos e pontos de vista confinados, em parte, certamente, devido a processos e “linhas de força” no interior da própria disciplina antropológica.²

¹Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

²Para uma discussão consistente sobre certas “operações de minoração” de autores na Antropologia, ver Márcio Goldman (1994, p. 1-43), ao tomar como objeto de análise a obra de Lévy-Bruhl, inspirado nas reflexões deleuzianas e de outros autores sobre o assunto.

Em suma, o que eu pretendo destacar de início é que na antropologia balanços sobre o tema “Segredo”, tal como realizado por Eric Schwimmer, ancorado em pesquisas teóricas e nas próprias etnografias que se referem ao assunto de forma sistemática, são raros ou de trabalhoso rastreamento, talvez por ser difícil de indexar e mapear o tema no banco de referências acadêmicas, disperso também entre os mais variados gêneros literários.

A importância do estudo sobre as dinâmicas dos segredos nos mais diversos cenários, todavia, evidenciou-se nos dias atuais, sobretudo após o surgimento do poderio oculto das *big techs*, das redes virtuais e dos avanços paralelos e inesperados da extrema direita em nível mundial como uma espécie de associação secreta, que age nas sombras. De modo paradoxal, é a própria internet que oferece os buscadores e conduz a orientação de qualquer pesquisa sumária que seja realizada, interferindo na filtragem dos conteúdos.

O texto de Eric Schwimmer em questão foi localizado na biblioteca da Universidade de Laval, no Canadá, em 2015, como uma pré-publicação, reproduzida em poucos exemplares, o que dificultou seu acesso, mesmo a acadêmicos.³ Diante de um texto denso e surpreendente como este, tendo em vista a nossa formação em uma antropologia que se define pela reflexão com e sobre a alteridade, é preciso contar com o devido exercício intelectual para interpretar texto e autor em seus próprios termos.

Impõe-se considerar o trabalho por inteiro, apreciando-se sua materialidade e circunstância, no esforço de não enquadrá-lo ou rotulá-lo à luz de pontos de vista “outros”, de avanços teóricos e de modos de elaboração científica condizentes com novos tempos e perspectivas. Trata-se de panoramas que provavelmente o autor não contemplava na época de sua escrita ou que não puderam ser elaborados em uma versão preliminar de um texto em processo de revisão e acabamento. Determinadas formas críticas prevalecentes de aproximação poderiam colocar em risco o valor do trabalho como “subdesenvolvido” e levar à precipitada perda de seu sentido.

³Obtive cópia do trabalho de Eric Schwimmer graças ao empenho e à gentileza de Juliana Tonche e de Mariana Raupp, a quem muito agradeço, pois localizaram e solicitaram no Canadá, em 2015, a cópia digitalizada do exemplar datilografado, já nos meses finais do meu estágio de pós-doutoramento no Departamento de Antropologia da FFLCH/USP, supervisionado por Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, coordenadora do Núcleo de Antropologia do Direito (NADIR). Só recentemente retomei uma análise mais detida sobre o *paper* para esta apresentação inicial na RBA, após sua tradução livre por José Jacques Soares e Eugênio Paccelli, a ser publicada oportunamente em português, se possível. Alguns exemplares estão dispersos em bibliotecas nos Estados Unidos e, talvez, na Europa.

Em outras palavras, é necessário ter em mente a ideia antiga e repisada de que precisamos buscar ler e compreender textos e autores tendo em vista seu contexto, em suas circunstâncias sociais e históricas, para reconhecer e extrair os conhecimentos e as noções que nos propiciam, a partir daquele olhar particular, com a devida abertura, para que ocorra nossa própria alteração no encontro e na relação estabelecida com eles. Isso não significa que seja possível abandonar nossas próprias lentes e capacidade de avaliação, também presas à nossa posição social, ao espírito do tempo e à história, mas indica que, na condição de partícipes que fazem reviver os textos, é preciso controlar a luz e dirigir a iluminação. Ler os textos na condição de viventes altera e faz diferença na rota interpretativa que seguimos como pressuposto para o refinamento da própria crítica ou autocrítica. Isso me levou a propor esta apresentação sobre o ensaio de Eric Schwimmer a partir de uma brevíssima exposição sobre sua trajetória e sua carreira intelectual, buscando situar o intervalo de sua formação e produção. Na sequência, procede-se a uma exposição, também sumária e não muito comentada de seu ensaio, considerando-se a complexidade inerente ao tema e peneirando algumas ideias significativas sobre o recorte em destaque nesta discussão, no âmbito de nossa intenção de focar os estudos antropológicos sobre o segredo em sua emergência nas etnografias. O título instigante do ensaio em pauta é “Power, Silence and Secrecy: The Secrecy of the Sacred and the Power of Secrecy” (1980), que traduzimos como “Poder, Silêncio e Segredo: o mistério do sagrado e o poder do segredo”.

As leituras e a bibliografia que consegui resgatar sobre o autor levaram-me a crer que seu ensaio aborda problemas associados ao silêncio e ao segredo na perspectiva de uma antropologia política decolonial, com suporte em diversas etnografias. Tudo indica que o texto restou emergente e resistiu como material datilografado sem a devida revisão da versão “pré-publicada” enquanto “esboço e relato bastante incompleto” (SCHWIMMER, 1980, p. 53)⁴. Foi parcialmente recortado para outro artigo publicado pelo autor no ano seguinte⁵, mantendo-se uma aproximação casual com o tema, em meio a outras discussões, a despeito da erudição, do ineditismo e da seriedade de seu balanço sobre o segredo até 1980. Vários fios soltos e noções não detalhadas perpassam

⁴ “[...] a rather sketchy and incomplete account”.

⁵ O artigo destacado, de temática similar e publicado em 1981 por Eric Schwimmer no periódico *RSSI-Recherche Sémiotiques/Semiotic Inquiry*, sob o título “Power and Secrecy: The Semiotics of Manipulation and Detection”, também não é de fácil acesso após mais de quarenta anos de sua publicação. Apesar disso, muitos artigos, livros e alguns vídeos, evidenciando uma vasta produção do autor no decorrer de sua longa carreira, podem ser localizados ou acessados via internet.

o texto, o que de modo algum diminui o valor da pesquisa e de sua escrita. Ao contrário, incitam a curiosidade sobre uma “história não contada” sobre a circulação restrita ou o (quase) arquivamento de um ensaio promissor de mais de 50 páginas.⁶

Enfim, é como se a história do texto e de seu objeto acabasse por espelhar-se – em minha percepção, tal expressão também reflete ironicamente a condição do segredo como uma questão fundamental para a formação de uma antropologia ocidental não elaborada suficientemente, e por isso mesmo, muitas vezes, projetada em segundo plano como imagem adormecida nos bastidores da disciplina – “num fundo de armário, na posta-restante, milênios no ar”.⁷ Assim, assumi a premissa de que o ensaio produzido pelo autor constitui um caso desafiante e emblemático para investigação, o qual vale a pena ser recuperado e analisado de forma mais detida, ainda que não saiba até que ponto será viável aprofundar tal percepção.

Na parte final do texto em discussão Eric Schwimmer, então com 56 ou 57 anos, mostra-se cético em relação à situação e ao momento em que o escreve, de modo melancólico, ao se referir às formas de controle ideológico e psicológico sobre os seres humanos comuns, cuja chegada acelerada decorrente da concentração do poder tecnológico por corporações antevê. Ele lamenta: “Uma nuvem pesada de pressentimento e de pessimismo histórico paira sobre este ensaio. Talvez este ensaio seja um dos últimos cantos fúnebres da era pré-orwelliana” (SCHWIMMER, 1980, p. 53), referindo-se de modo dramático à clássica ficção de um governo absoluto descrito no livro *1984* de George Orwell, que ele pensa poder invadir a realidade social e, quem sabe, aludindo ao destino recôndito que ele intui para o próprio ensaio.

⁶Tomei conhecimento do trabalho de Eric Schwimmer a partir de uma rápida referência sobre a pré-publicação em um pé de página na obra *O Gênero da Dádiva*, de Marilyn Strathern (2006, p. 181).

⁷Para uma excelente análise sobre o segredo na prática etnográfica, ver o artigo de Andras Zempléni, “Secret et sujétion: Pourquoi ses ‘informateurs’ parlent-ils à ethnologue?”, publicado na revista *Traverses* em 1984.

Dados biográficos⁸

Éric Schwimmer nasceu em Amsterdam em 1923 e morreu em Montreal em 2022. Viveu uma considerável e produtiva carreira no campo antropológico. Proveniente de família de origem judaica, sua mãe se envolveu nas organizações sionistas na Holanda nos anos de 1930. Em 1940 sua família se exilou na Nova Zelândia. No serviço militar holandês, Schwimmer trabalhou como voluntário no serviço de informação nas Índias Orientais Holandesas. Sensível às lutas pela soberania dos povos colonizados, passou seis meses na Indonésia em 1945, ainda a serviço do governo holandês, envolvendo-se na luta pela independência do país. Retornando à Nova Zelândia, onde seu pai residia (sua mãe, seu irmão e sua irmã retornaram para a Europa), bacharelou-se em Línguas e Literatura e obteve o grau de mestre (M.A.) em Latim em 1948. Como servidor público a partir de 1950, candidatou-se ao *Department of Maaori Affairs*. Em 1952, na condição oficial de servidor civil, tornou-se editor de uma revista trimestral bilíngue (em maori e inglês), denominada *Te Ao Hou: The New World*. A proposta da revista era afirmar e preservar a cultura maori, contra a política de assimilação, o que provocaria o descontentamento de alguns servidores governamentais e a oposição de europeus na Nova Zelândia. Sua dissertação de mestrado (realizada na Universidade da Colúmbia Britânica) e seus dois primeiros livros foram dedicados aos Maori, publicados na década de 1960. Sua experiência etnográfica abriu caminhos para sua carreira acadêmica no Canadá. Em 1968 foi contratado como professor de Antropologia da Universidade de Toronto. Em 1970 iniciou seus estudos sobre a Melanésia, onde observou diversos processos de luta pela independência e soberania na região. Sua tese de doutorado, “Exchange in Social Structure of the Orokaiva: Tradicional and Emergent Ideologies in the Northern District of Papua”, foi publicada em livro em 1973. Atraído pelas controvérsias e lutas emancipatórias em Quebec, que visitava frequentemente, transferiu-se para a Universidade de Laval em 1975, também como professor de Antropologia, engajado na defesa da soberania da região. Mesmo depois de aposentado, em 1993, permaneceu pesquisando sobre processos de descolonização e dissidências de minorias, além de participar de inúmeras publicações e discussões teóricas do campo antropológico durante mais de quinze anos.

⁸A bibliografia e a biografia de Eric Schwimmer foram recuperadas na revista *Anthropologica* em 2008. Sua obra foi compilada por Natacha Gagné, André Campeau e Michel Chartier, trabalho em que principalmente me baseei para obter uma visão geral sobre suas publicações. Por meio de depoimentos do autor, Gagné e Campeau reconstróem resumidamente a biografia e o percurso intelectual de Schwimmer.

Notícias de um ensaio

O ensaio de Eric Schwimmer aborda o segredo a partir de um olhar amplo e diversificado. Diante da complexidade cognitiva que sugere, colocada em pauta em várias etnografias por ele conhecidas, o autor mostra-se ciente de sua existência em um campo enredado de relações e ressonâncias, compartilhado em diversos registros de significação, de modo ambíguo e paradoxal, que se conectam entre si e podem interferir de variadas formas nos sistemas sociais e na política, fenômeno que o autor vai procurar circunscrever e mapear.

Schwimmer analisa o segredo como um código semiótico, utilizando, simultaneamente, alguns conceitos da cibernética, para descrever o fenômeno em certas circunstâncias. Isso permite situar sua abordagem no campo das ciências da comunicação, da informação e da complexidade, em intenso diálogo, também, com obras nas áreas da linguística e da literatura, da psicologia e da psicanálise, em uma visão claramente interdisciplinar sobre o tema no início da década de 1980.

O autor parte das duas principais teorias existentes sobre o segredo para construir suas hipóteses: a formulada na obra de Georg Simmel em torno do segredo e das sociedades secretas; e a encontrada no seminário de Jacques Lacan sobre o conto “A Carta Roubada”, de Edgar Allan Poe. Com esses modelos em mente e buscando extrair e avaliar seus efeitos, ele propõe e desenvolve um modelo semiótico de análise do segredo.

O segredo é descrito como um fenômeno de transmissão e ocultação de informações por parte de seu detentor/transmissor – A, pessoa ou grupo – em relação a dois tipos de destinatário (pessoas ou grupos) – B, pessoa que recebe a informação em determinado código e C, pessoa que recebe a informação em um segundo código, cujo sentido é não permitir que esse destinatário tenha acesso à informação transmitida no código anterior. Ou seja, trata-se de um sistema que pressupõe três pessoas: um transmissor, um receptor da mensagem e um não receptor.

Schwimmer formaliza a seguinte hipótese: A mensagem ocultada do não receptor diz respeito às relações problemáticas entre o detentor da informação, que reluta em transmiti-la, e aquele a quem é negado acesso a ela. Ou seja, a mensagem trocada entre o transmissor e o receptor diz respeito às relações do transmissor com o não receptor, decorrentes dos conflitos sociais e das ambiguidades nelas presentes. Por isso, afirma

que não há diferença entre segredo, silêncio, mentiras ou ardis em seu modelo. Os conflitos e ambiguidades presentes nas relações entre sujeitos é que determinam formas de ocultação, interferem no discurso e geram um código alternativo de valores também conflitantes.⁹ O autor tratará de exemplos etnográficos no decorrer do ensaio que ilustrem sua hipótese sobre as assimetrias presentes nas relações e nos códigos estabelecidos em sistemas permeados por segredos.

Schwimmer constrói vários quadros que resumem o conhecimento sobre o segredo a partir da catalogação de etnografias diversas e outras abordagens, com vistas, em última instância, a propor e a expor uma forma de organização dos dados propensa à análise semiótica. Ou seja, procura elaborar uma visão de conjunto sobre o tema com base em elaborações teóricas fundamentadas em trabalhos de campo. Nessa catalogação, demonstra grande conhecimento sobre o percurso e o desenvolvimento de uma antropologia no Pacífico Sul, ao levantar e retomar várias etnografias que discutem o segredo na região, mas expande a análise para outras áreas cujos relatos etnográficos ele conhece, incluindo situações históricas e religiosas da própria sociedade ocidental. Com isso, consegue alcançar, a partir de sua visão de conjunto, uma espécie de “antologia” sobre o tema. Com base em sua perspectiva na época, seria tarefa de uma antropologia, frente à crise paradoxal face ao segredo constatada na sociedade ocidental, situá-la numa série de outras crises análogas que outras sociedades enfrentaram, com respaldo em uma análise comparativa capaz de desencadear novas reflexões sobre o tema (1980, p.6).

O autor destaca que na maior parte das etnografias reunidas os etnógrafos não fazem distinção entre os significados semânticos, sintáticos e pragmáticos em suas descrições e usualmente questionam apenas sobre o significado do segredo de um ponto de vista sociológico nos grupos que pesquisam. Isso dificultaria ainda mais a análise do fenômeno, já que os autores não se preocuparam em apresentar os dados no sentido do desenvolvimento de uma perspectiva comparada do segredo, deixando de coletar e/ou descrever informações relevantes.

Para considerar essa questão devemos primeiro lembrar que segredos são, no sentido de Peirce, “argumentos”, nos quais os “símbolos secretos” (ou seja, aqueles

⁹ Schwimmer descreve detalhadamente essa percepção em linguagem formal, em termos e notações de acordo com a semiótica peirceana, fórmulas que não pretendo reproduzir e explicar aqui, principalmente por se tratar de um texto de base para exposição oral.

compartilhados entre A e B) são, de alguma maneira, relacionados a contradições entre A e C. Essas contradições podem também ser percebidas como insuperáveis ou como solucionáveis por um processo de aprendizagem (SCHWIMMER, 1980, p. 8).¹⁰

As etnografias não propiciavam os componentes do sistema de maneira completa ou descreviam a existência de mais de um código discursivo ou secreto nas diversas sociedades estudadas, sendo necessário mapeá-los e inferi-los para conhecimento, quando possível. Aliás, o autor desenvolverá os três últimos tópicos, dos cinco que compõem o texto, buscando separar analiticamente nas abordagens observações sobre o segredo nas diversas chaves semióticas, expressas nos títulos de cada seção: a sintaxe do segredo, a semântica do segredo e a pragmática do segredo. Ele sugere que o relevo de cada dimensão seria matizado de sociedade para sociedade.

Outra questão que o autor levanta refere-se ao modo como uma sociedade difere de outra quanto à importância e à ênfase que atribuem ao segredo. Assinala que o efeito do segredo em todas as sociedades é consiste em dividir o conjunto de informações em estoque público e estoque secreto, porém com variações na distribuição e no controle sobre elas entre os diversos grupos. Aborda esse ponto baseando-se em sua interpretação do conjunto de fontes selecionadas e propõe generalizações sobre o modo como nas culturas conhecidas os nativos se relacionam com o conhecimento e com o estoque de informações disponíveis sobre mitos e rituais convencidos de nunca possuírem todo o conhecimento existente e na expectativa de poder adquiri-lo, como se o horizonte do segredo para eles fosse continuamente recuado.

Parece que o homem tribal acredita que ele seria onisciente somente se não houvesse limites para seu conhecimento ritual. Em contraste com essa tendência quase universal, há profundas diferenças no grau em que determinados sistemas sociais restringem informações sobre seus aparatos rituais e seu estoque mitológico. Tal variação é claramente uma função do grau das contradições sociais intra-societárias. (Ibid., p.11)¹¹

O levantamento sobre a região da Papua Nova Guiné revela sistemas de segredos em que as informações secretas tornam-se disponíveis em um longo processo de iniciações apenas para a população masculina, em torno de arranjos secretos e de conexões em que as mulheres e os não iniciados são impedidos de compartilhar do mesmo código de

¹⁰ “To consider this question we should first remember that secrets are, in Peirce’s sense ‘arguments’, in which the ‘secret’ symbols (i.e. those shared between A and B) are in some way related to contradictions between A and C. These contradictions may either be perceived as insuperable or as resolvable by a process of teaching.”

¹¹ “It would appear that tribal man believes he would be omniscient if only there were no limits to ritual knowledge. In contrast to this almost universal tendency there are profound differences in the degree to which particular social systems restrict information about their ritual apparatus and their mythological stock. Such variation is clearly a function of the degree of intra-societal social contradiction.”

informações. Em relação a essas etnografias, Schwimmer expõe e comenta longamente o estudo de Fredrik Barth sobre os Baktaman, questionando várias vezes certas interpretações do autor e expondo diversos problemas que a análise do antropólogo norueguês invoca, ainda que a considere “uma excelente descrição etnográfica do sistema de segredos dos Baktaman” (Ibid., p. 14)¹².

Schwimmer argumenta que o sistema yorubá, forma exemplar de sintaxe entre os sistemas de segredo, não é semântico, pois o segredo está em uma combinatória específica de elementos apropriados, revelados, por exemplo, nas consultas individuais com os adivinhos yorubás, o que supõe uma relação particular entre consulente e adivinho. Seus conteúdos podem ser divulgados sem ameaçar o segredo do sistema que reside no tamanho e na sequência determinada em uma consulta, comparáveis à série numérica do segredo que abre um cadeado, mas não serve para abrir outro (Ibid., p.12).

Em contraste com a forma yorubá, o sistema baktaman consiste em revelar, conotação por conotação, para os iniciandos do sexo masculino, em cada grau, de forma que uma é considerada “falsa” por ser apresentada outra “verdadeira” na próxima etapa. O processo de substituição e de revelação é sequencial, de maneira que há novos significados encobertos até o sexto grau de iniciação, o que torna sua análise mais complicada. Com base no estudo de Barth, haveria para cada etapa um código diferente, sugerindo uma forma de sintaxe que difere de uma ordem cumulativa de aprendizado entre os Baktaman, que Schwimmer analisará de modo mais detido em cada grau de iniciação posteriormente. Os referentes não se vinculam aos significantes de forma definitiva.

Barth demonstra em detalhes que, especialmente nos primeiros graus de iniciação, alguma informação sobre essas casas [dos homens] está sendo deliberada e sistematicamente retida, enquanto a informação distribuída “inclui explícito e dissimulado ardil”¹³. Este termo “ardil”, nunca claramente bem definido por Barth, deve ser entendido à luz de sua evidência. (Ibid., p.14)¹⁴

¹² Trata-se da obra de Fredrik Barth, de 1975, *Ritual and Knowledge among the Baktaman of New Guinea*, não traduzida para o português.

¹³ No original em inglês o termo utilizado por Schwimmer é *deception*, do qual derivará *deceptemes* (1980, p.18-19). Traduzir *deception* como *ardil* foi uma opção pessoal, haja vista minha avaliação do ensaio como um todo, mas termos como *engano*, *embuste* e *engodo* poderiam ser usados no amplo espectro que o termo *deception* sugere.

¹⁴ “Barth demonstrates in detail that, especially in the early degrees of initiation, some information about these houses is being deliberately and systematically withheld, while the information given out ‘includes explicit and covert deception’ (p. 63). This term ‘deception’, never too clearly defined by Barth, must be understood in the light of his evidence”.

Schwimmer nota que se forma na descrição de Barth um conjunto de mensagens afirmadas em vários códigos em processo de transformações, problema análogo ao que Lévi-Strauss constatou em mitos e Lacan em sonhos. O antropólogo holandês associa esse processo, característica formal comum a todos os episódios de deslocamento dos significados registrados, aos “ardis” constatados e nomeados na pesquisa realizada por Barth. Ele retoma os trabalhos dos dois autores franceses para desenvolver a análise de tipo estrutural aplicada aos dados coletados por Barth na forma de “ardis”, considerando suas particularidades em uma dinâmica de segredos.

As unidades de uma cadeia de revelações em um sistema de iniciações secretas não estão ligadas inteiramente da mesma maneira como nos mitos ou sonhos. É mais proveitoso considerá-los como parte de um ritual ou uma sequência teatral. Os ardis cuidadosamente traçados nas antigas iniciações dos Baktaman são performances dramáticas envolvendo um trabalho de palco muito hábil. (Ibid., p.16)¹⁵

Com base em Lacan e no seminário sobre a carta roubada de Poe, Schwimmer analisa detidamente os processos secretos baktaman, apelando para a noção de transferência associada ao tratamento e à cura psicanalítica. Em articulada e convincente argumentação, anota similaridades e paralelismos nos dois sistemas de conhecimento. Uma das várias objeções que o autor leva em conta é que as culturas iniciáticas consideradas possuem diferentes estruturas cognitivas da cultura monárquica que engendrou a análise no seminário lacaniano. Ainda assim, sustenta que, no âmbito das relações sociais secretas, “o iniciado poderia (o mais plausível) ser apresentado como transferindo seu ‘Édipo’ para o ancestral da casa de culto” (Ibid., p. 17).¹⁶

Em Lévi-Strauss, Schwimmer reencontra a fórmula canônica e a noção de unidades mínimas em que a narrativa mítica pode ser dividida (“mitemas”). Divide os rituais em partes temáticas menores, relidas por ele como “arditemas” (*deceptemes*) reunidos na forma de uma matriz de relações homólogas, em processos de transformações e torções nos rituais associados a sistemas perpassados por artifícios e segredos.¹⁷ Cada termo da

¹⁵ “The units of a chain of revelations in a system of secret initiations are not linked together quite in the same way as in myths or dreams. It is more useful to regard them as part of a ritual or theatrical sequence. The carefully plotted deceptions of the earlier Baktaman initiations are dramatic performances involving much cunning stage business.”

¹⁶ “The initiate could then be (most plausibly) presented as transferring his ‘Oedipus’ to the cult house ancestor.”

¹⁷ Mauro Barbosa de Almeida (2008) apresenta um apanhado sobre as discussões em torno da aplicação da fórmula canônica do mito por Lévi-Strauss e por seus comentadores, o que permite uma maior compreensão sobre sua recepção e utilização controversa entre os estudiosos. A partir de seu texto, é possível também um maior entendimento sobre a forma como Schwimmer retoma a fórmula canônica para uma análise dos discursos nos rituais de iniciação dos Baktaman, adaptando-a à luz do conceito de

fórmula representaria uma função simbólica descrita no ritual, estabelecida de acordo com os códigos presentes nos discursos secreto e público.¹⁸ A análise do autor é demonstrativa, abarcando o maior número de detalhes possíveis, buscando alcançar leitores que porventura não conheçam a etnografia de Barth e tampouco o método de análise estrutural do mito de Lévi-Strauss.

No modelo baktaman de Barth a estrutura sintagmática se apresenta como uma sucessão de ardis e os mesmos conflitos continuam a ser expostos em níveis mais profundos em camadas sequenciais na cadeia de revelações. Schwimmer procura demonstrar, de modo minucioso, que os dados sobre o segredo, extraídos da etnografia de Barth sobre os Baktaman, tornam-se mais compreensíveis quando interpretados à luz do método estruturalista, ganhando maior inteligibilidade e permitindo estender a aplicação para outros casos.

Fazendo um breve resumo da mensagem do livro de Barth, fica claro que, em termos abstratos, o sistema dos Baktaman não tem articulação lógica, mas ao percebermos que tudo tem a ver com o banquete, imediatamente um sentido aparece. Não porque o ser humano tenha “um impulso inato para construir sistemas simbólicos” (Barth, p. 266), mas porque os Baktaman parecem ter um impulso adquirido para fazer banquetes. (...) Dessa forma, é possível construir um modelo do tipo de sistema de segredo dos Baktaman, incluindo seus dois códigos constituintes de discurso. A análise de Barth sobre aquilo que chamei de “arditemas” lança uma grande quantidade de novas luzes sobre a sintaxe de tais sistemas, mas, para uma análise verdadeiramente semântica, temos que levar em consideração os dois códigos constituintes do sistema, e traçar a relação entre ambos. (Ibid., p. 19)¹⁹

O capítulo sobre a análise semântica é o mais longo, ocupando mais de um terço de todo o ensaio. Considerando mais de dez descrições etnográficas que abordaram o segredo do ponto de vista semântico²⁰, Schwimmer procura escrutinar um número representativo de princípios possíveis de inclusão e exclusão nas várias formas de divisão por clã, sexo ou faixa etária, elencando também um diversificado arsenal de propriedades simbólicas

“ardil” (“deception”), presente na etnografia de Barth. Segundo Almeida, é um dos temas mais complicados e instigantes no pensamento levistraussiano.

¹⁸ A fórmula canônica de Lévi-Strauss é representada da seguinte forma: $Fx(a):Fy(b) = Fx(b):Fa^{-1}(y)$.

¹⁹ By thus briefly summarizing the message of Barth's book, it will be clear that, take in abstract, the Baktaman system has no logical articulation, but as soon as we see it's all about feasting, a sense appears. Not because Man has 'an innate drive to build symbolic systems' (Barth, p. 266) but because the Baktaman appear to have an acquired drive to make feasts. (...) In this way, it is possible to construct a model of the Baktaman type of secrecy system, including its two constituent codes of discourse. Barth's analysis of what I have called 'deceptemes' casts a great deal of new light upon the syntax of such systems, but for a truly semantic analysis, we have to take both constituent codes of the system into account, and trace their relation to one another.”

²⁰ Schwimmer menciona no decorrer do capítulo diversos trabalhos entre os psicanalistas que relatam casos ambíguos na transmissão de mensagens, assinalando dimensões pouco claras nas comunicações não verbais ou silenciosas, exemplos que também informam a sua linha interpretativa.

e discursos secretos em torno de nomes ancestrais, magias, feitiços, mitos, cantos etc. Apresenta, também, suas divergências em relação à interpretação de Barth.

Não basta, portanto, considerar os segredos como meios de manter a fronteira (ou seja, por sua função separativa), mas eles devem ser também meios para transcendê-la e produzir mensagens significativas para aqueles que estão fora da irmandade (isto é, cumprem uma função reveladora). Até certo ponto, nossa análise do caso Baktaman já ilustra o que queremos dizer aqui com a função separativa e a reveladora: o que acontece dentro das casas de culto é separativo, enquanto que a função reveladora é preenchida pelo que é experimentado por aqueles que estão fora (Ibid., p. 20).²¹

A análise do autor considera que a existência de mais de um código de discurso nas comunicações, um “público” e outro “secreto”, leva o grupo externo, sobretudo o de mulheres e o de não iniciados no caso estudado, a atribuir significados diferentes e enganosos quando confrontados aos que o grupo interno atribui e conhece.²²

O significado do silêncio também variaria sensivelmente entre os grupos, com mensagens específicas de uma interpretação para outra. Frente aos diversos registros de discursos velados e/ou ambíguos, por meio de códigos não verbais e silenciosos, Schwimmer afirma que “em outras palavras, códigos não verbais frequentemente dão origem a ardis” (Ibid., p. 22)²³. Apesar disso, o grupo considerado externo, na interpretação do autor sobre os dados de Barth, pode alcançar uma compreensão significativa e reveladora a partir de seus papéis nos rituais e em sua audiência.

Schwimmer retoma a análise semântica dos segredos em grupos divididos pelo sexo ou idade, descrevendo cerimônias e analisando detalhadamente as iniciações e os elementos envolvidos nos rituais que colocam em movimento os processos secretos e suas partilhas entre os envolvidos, com destaque para as etnografias da Papua Nova Guiné. Segundo o autor, nas diversas modalidades analisadas de iniciação e de formas de magia a eficácia depende de limites colocados em sua transmissão. Em decorrência, o segredo entra em cena, associando-se à sacralização.

²¹ “It does not therefore suffice to regard the secrets as means of maintaining the boundary (i.e. as a separative function) but they must also be the means of transcending it and of generating significant messages to those outside the sodality (i.e. of fulfilling a revelatory function). To some extent our analysis of Baktaman case already illustrates what we mean here by the separative and the revelatory function: what happens in the cult houses is separative while the revelatory function is fulfilled by what is experienced by those outside.”

²² Schwimmer descreve com esmero a atuação de um instrumento musical, o *bullroarer*, frequente na Papua Nova Guiné, mas existente em outras partes do mundo, utilizado em performances diversas, cuja característica notável, assinalada pelo autor, é a emissão de mensagens ambíguas, interpretadas diferentemente de acordo com a condição de pertencimento a cada grupo.

²³ “In others words, non-verbal codes frequently give rise to deceptions.”

O mistério do sagrado é, assim, em parte, um segredo teatral. O noviço aprende, em vários estágios, a representar o sagrado. A experiência do sagrado está na sua personificação. O dispositivo do segredo é o meio pelo qual os espíritos se comunicam com os vivos. A comunidade é dividida entre aqueles que representam e aqueles cujo papel é o de atestar a perfeição da representação. Esse último papel não é desempenhado somente por mulheres e crianças (é impressionante a frequência com que esses equívocos elementares acontecem na literatura), mas também por visitantes do sexo masculino que não foram iniciados na casa dos homens. (Ibid., p. 38)²⁴

Após longa argumentação analítica, Schwimmer concluirá que os dois discursos – o público e o secreto – possuem o mesmo referente, que vincula um ao outro (Ibid., p. 40). Ao final da abordagem sobre a semântica do segredo, compara as atitudes dos povos estudados com a visão dos europeus sobre tais performances, anotando diferenças fundamentais ao contrastar também com passagens bíblicas e crenças ocidentais. Suas interpretações sobre o conjunto semântico reunido serão inspiradas não só na vertente estruturalista como também em Wittgenstein e em alguns psicanalistas. Contudo, não deixa de registrar e lamentar que as interpretações sobre o ponto de vista das mulheres foram excluídas das etnografias realizadas na Nova Guiné, na medida em que não havia mulheres como informantes nas entrevistas. Assim, não seria possível recuperar a “visão de mundo” das mulheres por meio das descrições obtidas (Ibid., p. 32).

No âmbito da pragmática do segredo, Schwimmer aprofunda algumas análises sobre dimensões políticas inseparáveis nas diversas formas e situações em que o segredo se apresenta como instrumento de poder. Sua preocupação em relação às dinâmicas do segredo adquire outra roupagem, com exemplos relacionados aos problemas políticos em torno do tema nas sociedades ocidentais. Segundo o autor, as práticas relativas ao segredo variariam conforme “o status do grupo que guarda o segredo (dominante ou dominado)” (Ibid., p. 57), assim como variaria a abrangência do estoque de informação, já que os recursos, o aparato e a forma de armazenamento de acordo com o poder do grupo seriam cambiáveis, sobretudo no caso de governos centralizados.

Schwimmer esclarece que a obra *Les lois du silence* (1977), de Jean Jamin, mostrou que nas sociedades africanas alguns grupos secretos de anciãos agiriam no sentido de controlar os mais jovens e as forças de produção, detendo cargos políticos, bens

²⁴ “The secrecy of the sacred is, therefore, in part a theatrical secrecy. The novices learns, em various stages, to impersonate the sacred. The practice of the sacred is its impersonation. The apparatus of secrecy is the means by which the spirits communicate with the living. The community is divided into those whose role it is to testify to the perfection of the impersonation. The latter role is played not only by women and children (it is amazing how often this elementary error occurs in the literature) but also by male visitors who are not initiated in the local man’s house.”

materiais e informações rituais, em situações conflituosas de afirmação do poder dos mais velhos. Dinâmicas análogas foram registradas na Nova Guiné, mas o antropólogo cita também descrições etnográficas e históricas de segredos compartilhados por populações dominadas durante anos, na forma de contrassegredos, que não foram descobertos pelas autoridades de controle. Mulheres e não iniciados, como categorias “dominadas”, também tenderiam a desenvolver entre eles uma série de contrassegredos, segundo Schwimmer (Ibid., p. 43).

O segredo pode ser observado por ele tanto ao desempenhar um papel integrador, mediante a criação de laços de confiança, reproduzindo o sistema social existente, como ao assumir um papel separativo ao introduzir princípios de estratificação, criando fronteiras entre grupos. Alguns rituais de iniciação em seus momentos de revelação desempenhariam o papel de aliviar as tensões criadas pelos segredos e ocultamentos em muitas situações.

A partir da leitura de Andras Zempléni (1976), Schwimmer aborda o papel do espião, temido por ser interpretado como ameaça aos interesses internos do grupo, como frequentemente ocorre no meio militar, ou em ritos secretos de iniciação e, até mesmo, nas pesquisas etnográficas, em que antropólogos são vistos pelas comunidades estudadas como “detectores de segredos”, cuja revelação poderia interferir e ameaçar a vida social.

Avanços recentes na antropologia social têm desenvolvido ainda mais essas técnicas de detecção, principalmente pela melhoria das análises do mito e da estrutura implícita dos códigos não verbais. Quanto mais profundamente o antropólogo procura penetrar nesses lugares recônditos do segredo – a verdadeira essência dos pensamentos secretos de uma comunidade exótica – mais ele se depara com o obstáculo crucial de que muitos desses segredos, como temos visto, não são verbalizados, mas exprimíveis de formas inerentemente ambíguas. (Ibid., p. 45)²⁵

O autor associa a busca constante da humanidade pelo conhecimento ao desejo de revelar segredos onde quer que existam. Ele cita e analisa vários exemplos (os significados em torno do *bullroarer*, a pesquisa de I.F. Stone sobre a guerra coreana, o livro *O processo* de Franz Kafka etc.) em que discrepâncias nas apresentações públicas ou oficiais levariam às suspeitas e às investigações para descobertas dos segredos.

²⁵ “Recent advances in social anthropology have further developed such detection techniques by greatly improving myth analysis and analysis of the implicit structure of non-verbal codes. The more deeply the anthropologist seeks to penetrate into such ultimate recesses of secrecy – the very essence of an exotic community’s secret thoughts – the more he is met by the final obstacle that many such secrets, as we have seen, are not verbalisable but expressible only in forms that are inherently ambiguous.”

Dessa forma, somos levados a uma analogia cibernética. Se a informação pode ser definida (conforme foi por Bateson em 1972) como “notícias de uma diferença”, então talvez possamos definir o segredo (da perspectiva do investigador atrás da informação secreta) como “notícias de uma discrepância”. O segredo, portanto, ocupa uma posição intermediária entre um estado de entropia e um sistema organizado de informação. (...) O segredo como um conceito é, portanto, intermediário em dois sentidos: ele existe entre um estado de total entropia e um estado de pleno conhecimento; e existe entre o momento em que a informação começa a circular no campo de algum adversário secreto e o momento em que é revelado, seja por detecção ou espontaneamente pelo portador do segredo que não precisa mais dele. (Ibid., p. 47-48).²⁶

O segredo pode agir no sentido de desfigurar os sistemas de informação, quando alguém pretende impedir a circulação do conhecimento relevante para o grupo. No entanto, essa situação tende a ser temporária, pois o interesse político em proteger determinados segredos pode subsistir durante certo período de tempo, dependendo do grupo detentor, para ser publicado em outro momento, sendo necessária atenção à “pragmática da revelação” constatada em diversas situações. Schwimmer vai retomar situações etnográficas e históricas em que variações em torno dessa pragmática da revelação são descritas.

Ele retoma casos em que nativos decidem revelar informações sobre rituais ou costumes sagrados ao antropólogo, citando como exemplo o caso dos Dogon registrado pelo antropólogo Marcel Griaule, quando o chefe Ogotemmêli teria revelado doutrinas secretas imemoriais ao antropólogo, em uma relação que foi se tornando muito próxima entre pesquisador e nativo. Em alguns casos as versões elaboradas nas pesquisas etnográficas passam a circular como discurso público em sociedade após o “encontro” entre pesquisador e pesquisado que estabelecem um acordo sobre a narrativa a ser divulgada.

Se agora aplicarmos esse modelo à revelação de segredos de cultos aos antropólogos, ou em geral, aos coletores de dados etnográficos, o mesmo princípio ainda é válido: o relato escrito é inevitavelmente o resultado de um diálogo no qual os dados não processados são fornecidos pelo especialista indígena, enquanto o “código”, o arranjo

²⁶ “Thus, we may be led to a cybernetic analogy. If information may be defined (as it was by Bateson 1972) as ‘news of a difference’, then perhaps we could define secrecy (from the view point of the seeker after secret information) as ‘news of a discrepancy’. Secrecy thus occupies an intermediate position between a state of entropy and an adequate information system. (...) Secrecy as a concept is thus intermediary in two senses: it exists between a state of total entropy and a state of a full knowledge, and it exists between the time when the knowledge begins to circulate in the camp of some secretive adversary and the time when it is revealed either by detection or spontaneously by the secret-holder who has no further use for it.”

geral do discurso, é inevitavelmente orientado na direção da cultura do observador (Ibid., p. 51).²⁷

Baseando-se em Simmel, o autor evidencia que diversas modalidades de revelações não significam o fim dos segredos, pois segredos são constantemente substituídos por novos segredos, como mostram as descrições sobre a destruição dos segredos pelos missionários de modo proposital sob o colonialismo, provocando o colapso do sistema em determinado momento. Mudam-se a cultura e as circunstâncias, mas novos segredos e acordos de revelação poderão ser produzidos no decorrer de outros ciclos temporais.

Schwimmer adota a perspectiva psicanalítica do “segredo como uma exigência para o funcionamento da psique” (Ibid., p. 49), descrevendo pesquisas de autores cujas abordagens interessam diretamente à antropologia.²⁸ Como afirma Simmel, o segredo oferece a possibilidade de existência de um mundo paralelo ao mundo manifesto, um influenciando o outro, enriquecendo as experiências culturais (Ibid., p. 53).

O autor encerra o texto externando sua intenção, ao produzi-lo, de oferecer uma metodologia para o estudo e a compreensão do segredo frente à necessidade de proteger “o direito aos segredos”, ameaçado nas próprias democracias. Contrária, assim, uma visão iluminista que associaria de forma imediata e incontestemente democracia e transparência, sem a análise e o suficiente conhecimento antropológicos do problema. Sua preocupação se refere ao perigo do controle e do uso abusivo das informações dos cidadãos comuns pelos governos e corporações poderosas nos regimes democráticos.

Nessas circunstâncias, a defesa do segredo deve ser feita sistematicamente. Não acreditamos que a condenação dos “gulags”, ora em curso, pelos países capitalistas, seja uma providência adequada nessa tarefa. Assim, nós estaremos projetando nossos próprios problemas sobre os outros. Nosso desafio é proteger o segredo em nosso próprio contexto capitalista, não só nas ditaduras capitalistas, mas especialmente em países que ainda preconizam alguns vestígios de democracia (Ibid., p. 54).²⁹

²⁷ “If we now apply this model to the revelation of cults secrets to anthropologists, or generally to collectors of ethnographic data, the same principle still holds: the written report is inevitably the result of a dialogue in which the raw data are supplied by the indigenous expert, while the ‘code’, the general arrangement of discourse, is inevitably oriented towards the observer’s culture.”

²⁸ Entre os psicólogos, Schwimmer analisa mais detidamente a contribuição de um artigo de Jean-Michel Labadie para a *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, em número especial sobre o tema “Du secret” (1976).

²⁹ “In these circumstances, the defense of secrecy should be taken up systematically. We do not believe that the current condemnation of ‘Goulags’ by capitalist countries is a sufficient discharge of this task. We are thus projecting our own problems upon others. Our problem is rather to protect secrecy in our own capitalist context, not only in capitalist dictatorships but especially in countries which still proclaim some vestiges of democracy.”

Suas manifestações e preocupações em torno da pragmática do segredo mantêm a curiosidade da leitora por maior compreensão sobre as percepções, os eventos e as interrogações que se desenrolaram em torno do segredo que motivaram o autor a produzir o ensaio. Certamente o tema atravessou a realidade e as Ciências Sociais e estava na ordem do dia de forma polêmica nos anos que antecederam sua produção. Encerramos as notícias sobre o texto de Éric Schwimmer de volta à questão com a qual geralmente se inicia a reflexão sobre um texto inserido em uma biografia e uma história pouco conhecida: Qual contexto vivido delineou sua escrita?

Fragmentos finais

Procurei selecionar alguns trechos em apertada amostra sobre um ensaio extemporâneo que apresenta um levantamento sintético e propõe uma metodologia de análise do segredo, sob o olhar singular de Eric Schwimmer. O tema é realmente bastante intrincado, hermético e de difícil circunscrição, mas o ensaio permite vislumbrar a riqueza do assunto, as inquietações e a sensibilidade do autor em sua longa experiência no campo antropológico.

Se, de um lado, o segredo tem a capacidade de interferir ou (re)organizar a percepção do campo ou do sistema observado, de outro, é, na perspectiva do autor, uma espécie de fissão introduzida no próprio campo de observação, como interferência incontornável que o atravessa e se impõe ao determinar a separação e a exclusão de grupos e pessoas. A constatação de uma dinâmica diferenciada pela presença de segredos em determinado espaço cria uma dimensão de paradoxos cognitivos que o autor nomeia, baseando-se em Gregory Bateson, como “notícias de uma discrepância”. Ele procura destacar e discutir as percepções sobre as discrepâncias por meio da descrição das relações entre os detentores e os não detentores da informação, transpostas também como relações de dominação entre estratos que se vinculam, destacando-se em sua análise sobre as etnografias cotejadas o registro da condição ambígua das mulheres como grupo externo em face dos segredos.

Em muitas sociedades tribais, onde prevalece o casamento sob o regime virilocal, as mulheres estão especialmente propensas a trair os segredos devido à sua dupla ligação com as comunidades de origem e de afinidade. Os vazamentos de informação resultantes tendem a ser avaliados razoavelmente em termos filosóficos, porém os mais

fortes sentimentos são despertados pela noção de que as mulheres estão violando o segredo do culto da casa dos homens ou seus ritos. (Ibid., p. 44)³⁰

No caso de uma antropologia do segredo³¹, nos termos que Eric Schwimmer sugere, supõe-se a pesquisa sobre como os sujeitos vivem, interpretam e decodificam as contradições e ambiguidades da vida social, traduzidas em segredos, silêncios e ruídos na comunicação. Presume, também, a reflexão sobre as próprias inconsistências e constrangimentos da prática etnográfica, principalmente em situações de dominação colonial, como se pode depreender de suas colocações sobre as revelações levadas a efeito a partir da cumplicidade entre antropólogo e nativo, por vezes estratégica, em contraposição a um poder colonial na história da disciplina. Uma disciplina “totalmente” transparente em certos contextos poderia, no extremo, inviabilizar o projeto e a prática etnográfica.

Nesta tentativa de resgate do ensaio do autor não se pretende indicar caminhos para levantar hipóteses ou para solucionar as muitas dúvidas que seu texto provoca. A intenção primeira é atrair a atenção de pesquisadores capazes de contribuir com seus achados particulares e suas interpretações, a partir de suas próprias investigações e observações em seus campos de pesquisa, em torno dos temas “Segredo” e “Silêncio”, em suas interconexões inseparáveis dos mecanismos e das artimanhas do poder.

Esta comunicação busca contribuir para o diálogo entre interessados mediante a divulgação do trabalho teórico sistemático e consistente sobre os segredos e os silêncios desenvolvido por Eric Schwimmer, com suas muitas nuances. A reflexão sobre a temática persiste ainda imersa e insuficientemente elaborada no fluxo dos mecanismos conhecidos e desconhecidos que giram a roda da história da disciplina antropológica desde seus mais heroicos projetos decoloniais.

³⁰ “In numerous tribal societies, where virilocal marriage prevails, women are especially apt to betray secrets because of their double attachment to their natal and affinal communities. The resulting leaks of information tend to be fairly philosophically, but the strongest feelings are aroused by the notion of women violating the secrecy of the male cult house or rites.”

³¹ “Antropologia do Segredo” foi o nome escolhido por Ana Lúcia Pastore para a disciplina de graduação, por nós ministrada no segundo semestre de 2015, no Departamento de Antropologia da FFLCH/USP, como parte do plano do meu estágio de pós-doutoramento. O estágio de doze meses foi propiciado pela Política de Capacitação e Desenvolvimento de Pessoas da Secretaria da Receita Federal do Brasil, onde exerci o cargo de Analista-Tributária até minha aposentadoria em setembro de 2023. O programa inicial proposto para a disciplina, como bibliografia complementar que informou este artigo, pode ser acessado em: <https://antropologia.fflch.usp.br/sites/antropologia.fflch.usp.br/files/u65/fla0371-2015-2.pdf>.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Mauro W. B. A Fórmula Canônica do mito. In: QUEIROZ, Ruben C. e NOBRE, Renarde F. (Eds.) **Lévi-Strauss: leituras brasileiras**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 147-182.

BOBBIO, Norberto. **Democracia e Segredo**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GAGNÉ, Natacha; CAMPEAU, André. Introduction: The Link between an Anthropologist and His Subject: Eric Schwimmer and (De)colonization Processes. **Anthropologica**, Canadian Anthropology Society, Toronto, vol. 50, n° 1, p. 13-22, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25605385>. Acesso em: 06/06/2024.

GAGNÉ, Natacha; CAMPEAU, André; CHARTIER, Michel. Bibliographie d'Éric Schwimmer. **Anthropologica**, Canadian Anthropology Society, Toronto, vol. 50, n° 1, p. 23-29, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25605386>. Acesso em: 06/06/2024.

GOLDMAN, Marcio. **Razão e Diferença: afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl**. Rio de Janeiro: Editora Grypho/Editora UFRJ, 1994.

LABADIE, Jean-Michel. Le secret d'un aveu. **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, Paris, vol.14, p. 325-333, 1976.

LA CÉLÉBRATION de Éric Schwimmer – 28 novembre 1923 - 8 avril 2022
Services Commémoratifs Mont-Royal/Mount Royal Commemorative Services
Disponível em: <https://mountroyalcem.permavita.com/site/EricSchwimmer.html>.
Acesso em 08/06/2024.

SCHWIMMER, Erik. **Power, Silence and Secrecy: The Secrecy of the Sacred and the Power of Secrecy**. Toronto: Victoria University, 1980 (Prepublication).

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

ZEMPLÉNI, Andras. Secret et sujétion: Pourquoi ses “informateurs” parlent-ils à ethnologue? **Traverses – Le secret**. Centre national d'art et de culture Georges Pompidou e Centre de Création Industrielle, Editions de Minuit, Paris, n° 30-31, p. 102-115, março de 1984.

_____ La chaîne du secret. **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, Paris, vol. 14, p. 313-324, 1976.